

● ENTREVISTA/**GIUSEPPE TULLIO**

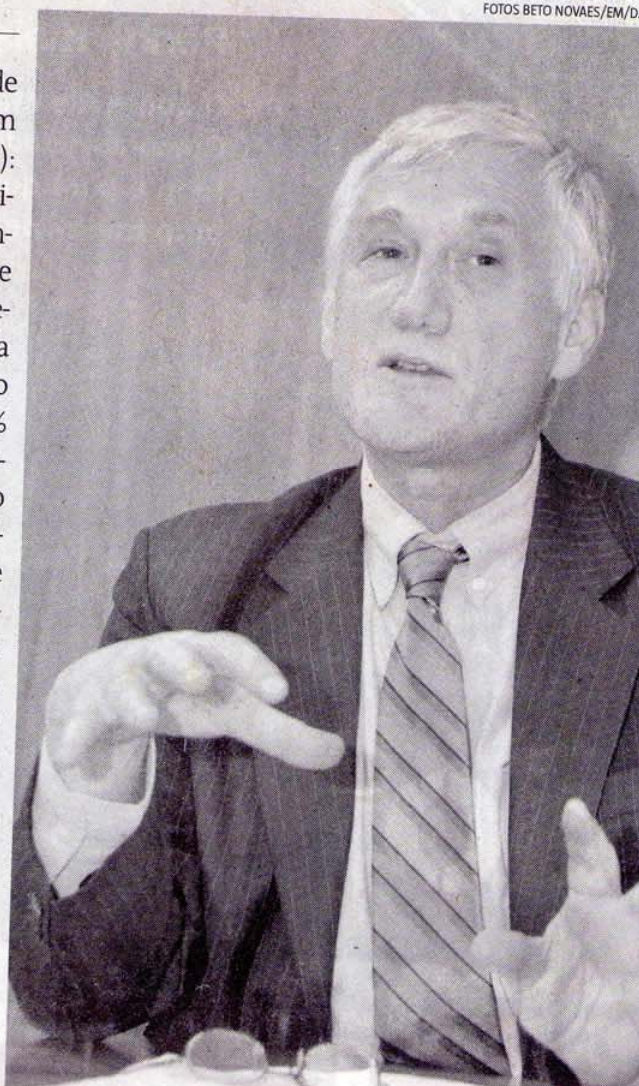
“O motivo da crise foi o choque de oferta, e não o consumo

'O Brasil está bem blindado'

DANIEL CAMARGOS

FOTOS BETO NOVAES/EM/D.A

O economista italiano Giuseppe Tullio usa uma frase de Leonardo da Vinci para mostrar o que pensa sobre quem está no comando da economia da União Europeia (UE): “Quem se apaixona pela prática sem teoria é como um timoneiro que, ao embarcar em um navio, sabe como ir embora, mas não sabe onde vai chegar”. A birra de Giuseppe está principalmente com a inflexibilidade da regra que determina 3% como limite para o déficit fiscal dos países da Zona do Euro. Isto é, a diferença entre tudo que o governo arrecada e o que o governo gasta não pode ultrapassar 3% do Produto Interno Bruto (PIB), o que impede o endividamento, mas também limita a capacidade de investimento do Estado em períodos de crise. “Deveria haver a possibilidade humana de decidir”, afirma o economista, que esteve quinta-feira na Fundação João Pinheiro, em Belo Horizonte, para falar sobre a crise no continente europeu. Com 62 anos, Giuseppe é Ph.D pela Universidade de Chicago com longa experiência. Tem passagens no Banco Central Italiano (1973-1977), FMI (1978-1980), como conselheiro da UE (1984-1987). Foi também professor universitário na Itália, Suécia, Bélgica, Alemanha, Argentina, França e Brasil, como visitante na Fundação Getúlio Vargas e na Unicamp. Sobre a crise europeia, Giuseppe não acredita que ela afetará de forma profunda o Brasil e vê no modelo americano, com pesados investimentos do governo ainda no início da crise, quando o déficit fiscal era de 12,5% – contra 6,3% da UE no mesmo período – um caminho acertado. “A UE insiste na regra absurda de 3% do déficit de consumo”.



Essa crise na Europa, que se alastra para países da periferia do continente, como Grécia e Húngria, pode afetar o Brasil e

Os EUA fizeram a política muito mais correta do que a Europa. Adotaram medidas mais fortes. No início de 2009, o governo

outros mercados emergentes?

O Brasil não pode ser muito afetado. Naturalmente, as exportações para Europa, caso a crise fique pior do que um patamar que o FMI prevê, serão afetadas. É claro também que as matérias-primas vão cair um pouco ou não subirão de preço como poderiam. E é evidente que isso tem efeitos sobre o Brasil. Não poderia ser diferente. Não que o medo de uma crise grega possa afetar muito. Enquanto as políticas cambial, monetária e fiscal do Brasil continuarem prudentes como são e o crescimento, que já se iniciou, permanecer, eu acredito que o Brasil está bem isolado. Bastante, não totalmente, mas bastante.

Assim como os outros emergentes?

A Ucrânia poderia ser afetada muito mais, pois o PIB caiu muito. Continua caindo. As previsões são negativas para o ano que vem. O déficit das contas correntes externas é alto. Então, a situação geral é muito diferente. Todos os países, que têm situação como Ucrânia, como a Grécia, é claro, serão afetados.

O que pode acontecer com a UE se essa crise piorar como o senhor prevê?

Seria uma pena se essa coisa estourar. A União Europeia é um passo bom dado pela Europa e pelo mundo. Porém, essa crise teria acontecido mesmo sem a união monetária da União Europeia. Como aconteceu na Ucrânia, na Hungria (que faz parte da UE, mas não da Zona do Euro), a crise teria acontecido do mesmo jeito. Agora, sem a união monetária, cada país teria pegado a sua estrada. Alguns países teriam resolvido muito mais rápido do que outros.

O que o senhor defende é uma flexibilização da política monetária?

Sim, uma política mais humana. É tudo muito rígido. Excluindo a política cambial. As regras da política monetária são do estatuto do Banco Central Europeu e não vejo perspectiva de mudança. O déficit orçamentário chega a 12% em vários países da União Europeia e ninguém fala em mudar as regras. Ao contrário, a comissão europeia manda a cada mês uma carta para cada país que está acima de 3% para dizer que tem que fazer um programa para voltar a 3%. A pressão é muito forte.

O senhor falou muito bem sobre o remédio adotado pelos EUA para sair da crise. A prática dos EUA seria a ideal para a Europa?

“



A União Europeia insiste na regra absurda de 3% do déficit do orçamento e isso bloqueia o mecanismo de crescimento a longo prazo

”

americano investiu 45 bilhões de euros em infraestrutura e transportes, contra apenas 500 milhões de euros de todos os países da União Europeia. No mesmo período, os EUA fizeram um programa de 626 milhões de euros em incentivos fiscais e a UE de apenas 200 milhões. Mas o principal é o déficit fiscal, que no início do ano passado era de 12,5% nos EUA e de 6,3% na UE. Porém, a estimativa é de que o EUA fechem esse ano com déficit de 11% e a UE com 6,8%.

Os EUA perceberam antes a crise?

Isso. Os EUA começaram a baixar os juros em janeiro de 2008, quando a crise estava chegando. A Europa continuou a aumentar os juros até julho de 2008. Seis meses de atraso é muito tempo. É muito. A América entende melhor os problemas. Os conselheiros americanos, segundo meu modesto ponto de vista, entendem muito bem o que acontece com o mundo. Na Europa não é assim.

O senhor disse na palestra que a crise não foi provocada por problemas do sistema financeiro e sim por um choque de oferta?

O início foi em dezembro de 2007 e depois se agravou, com o caso do Banco Lehman Brothers, um ano depois. É muito difícil achar um mês certo para a crise. Mas o principal motivo foi um choque de oferta. Não só de petróleo, mas todas as matérias-primas subiram. O preço do aço aumentou 70% em dois anos. Eu tenho um castelo na Itália e estou reformando. Puxa, eu podia ver a subida dos preços. O preço dos produtos agrícolas aumentaram e a renda das famílias sofreram muito também. Com o aumento do custo de vida, as famílias não conseguiram pagar os empréstimos bancários e os bancos entraram em crise.

Essa crise afetou o consumo?

Não é uma crise de consumo, pois o consumo resistiu bem à crise. O consumo não caiu no ano 2009. Ficou positivo, mesmo com a caída do PIB na Europa. Foram as exportações e os investimentos privados que caíram cerca de 30%. O consumo foi estimulado na Europa e a droga agora está sendo retirada. Porém, o desemprego está subindo e esse é o perigo. Primeiro, as famílias usaram a poupança que tinham e conseguiram manter o consumo. Depois, o governo começou a ajudar. Se você comprava um carro na Itália pagando 10 mil euros, recebia quase 2 mil euros de desconto. Agora, eu acredito, que o consumo deve começar a cair.